



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS/CAMPUS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

LINDINALVA JESUS DOS ANJOS

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

São Francisco do Conde – BA
2017

LINDINALVA JESUS DOS ANJOS

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva.

São Francisco do Conde
2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte
Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB/5-1693

A619b

Anjos, Lindinalva Jesus dos.

Brinquedos e brincadeiras no processo de aprendizagem na
educação infantil / Lindinalva Jesus dos Anjos. - 2017.

39 f. : il.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, 2017.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudilene Maria da Silva.

1. Brinquedos e brincadeiras educativas. 2. Educação
infantil. 3. Ludicidade. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 371.3079

LINDINALVA JESUS DOS ANJOS

**BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Aprovado em, ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Claudilene Maria da Silva (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Profa. Dra. Carla Verônica Albuquerque de Almeida
Universidade Salvador - UNIFACS

Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Dedico esse trabalho aos meus sobrinhos e sobrinhas Daniel Gomes, Desiel Gomes, Silvanyr Martins, Elisa Pinheiro, Helton Andrade, Giovanna Pinheiro e Juliana Andrade. Que muito me ensinaram a essência da brincadeira.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus autor e consumidor da minha fé. Agradeço a minha professora Dr^a Claudilene Maria da Silva que com muito amor e paciência me orientou e tornou possível a concretização deste trabalho. Agradeço também as minhas professoras Dr^a Maria Claudia, Dr^a Cristina Trinidad, Dr^a Ana Luisa Flauzina e Dr^a Cristiane Souza, que em toda minha jornada acadêmica me propiciaram aprendizados que me fazem lutar todos os dias pela concretização dos meus sonhos. Mulheres negras que me representam no espaço acadêmico.

Agradeço também a minha mãe pelas lutas árduas na batalha para me educar. Agradeço ao meu esposo e amigo Sidnei dos Anjos que me apresentou o universo acadêmico e mostrou que era possível. Agradecimento em especial para minha amiga Valquíria Borges que ao longo desses anos tanto trabalhou junto comigo para a conquista da nossa graduação além de ser uma das inspiradoras do tema do meu trabalho. Agradeço também a minha amiga Deisiane Santos que indiretamente muito contribuiu em me ajudar. Não podia deixar de citar o “bonde das estranhas” que desde o início do curso criamos elos desafiadores.

Agradeço também a todos que fazem a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira que propicia oportunidade de experiências formativas e para a vida.

Enfim agradeço a toda minha família, amigos e professores que de forma direta e indireta contribuíram para realização deste sonho.

RESUMO

A constituição do trabalho Brinquedos e Brincadeiras no Processo de aprendizagem na Educação Infantil foi concebido para contribuir com o conhecimento dos processos educacionais lúdicos pedagógicos, no intuito de analisar o brincar como uma atividade que não se restringe apenas a um momento recreativo. Consideramos que as brincadeiras produzem também aprendizados essenciais de interação social e conduzem ao aprendizado cognitivo das crianças. Discutimos a brincadeira como o ato da execução da atividade lúdica, onde a criança pode expressar-se, recriar a realidade e a imaginação; e o brinquedo como o objeto que faz surgir à brincadeira. Nessa perspectiva o objetivo geral do trabalho é analisar a utilização das atividades lúdicas no processo de aprendizado das crianças, como atividade crucial na construção do saber. O estudo teve como base a literatura existente sobre as atividades lúdicas que são praticadas em sala de aula com seus respectivos resultados. Trata-se, portanto, de um estudo bibliográfico que teve como principais referências os trabalhos de Tizuko Kishimoto (2010; 2012 e 2011); Ana Cristina Alves de Jesus (2010). Bem como, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010). Servem aqui como análise para entender o conhecimento atribuído pela utilização de brinquedos e brincadeiras para o processo de aprendizado das crianças. Como resultado percebemos que as brincadeiras geram mais prazer para a criança e assim ela vivencia conteúdos que leva para a vida adulta. Dessa forma, os estudantes da educação infantil apresentam maior aprimoramento dos aprendizados quando os momentos de ludicidade são disponibilizados para elas e eles.

Palavras-chave: Brinquedos e brincadeiras. Ludicidade. Aprendizados. Educação Infantil.

ABSTRACT

The constitution of the work Toys and Games in the Learning Process in Early Childhood Education was conceived to contribute to the knowledge of pedagogical playful educational processes, in order to analyze play as an activity that is not restricted to just a recreational moment. We believe that play also produces essential learning for social interaction and leads to the cognitive learning of children. We discuss play as the act of performing playful activity, where the child can express himself, recreate reality and imagination; And the toy as the object that makes the joke appear. In this perspective the general objective of the work is to analyze the use of play activities in the process of learning of children, as a crucial activity in the construction of knowledge. The study was based on existing literature on play activities that are practiced in the classroom with their respective results. It is, therefore, a bibliographical study that had as main references the works of Tizuko Kishimoto (2010, 2012 and 2011); Ana Cristina Alves de Jesus (2010). As well as the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (2010). They serve as an analysis to understand the knowledge attributed by the use of toys and games for the learning process of children. As a result we realize that the games generate more pleasure for the child and so she experiences content that leads to adult life. In this way, students in early childhood education present greater improvement of learning when moments of playfulness are made available to them and them.

Keywords: Toys and games. Ludicidade. Learnings. Child education.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. A construção do aprendizado das crianças por intermédio dos brinquedos e das brincadeiras em sala de aula.	15
3. Atividades e conteúdos que as crianças vivenciam pelos momentos lúdicos.....	26
4. Considerações Finais.....	35
5. Referências.....	37

1. INTRODUÇÃO

Segundo Ana Cristina A. de Jesus (2010) a criança só passou a ser observada como um ser diferente do adulto no século XVIII. Em análises do espaço que estava inserida percebi que essa observação da criança enquanto ser diferente do adulto, capaz de produzir aprendizados demorou um pouco mais a acontecer devido à educação severa do meu pai, imerso numa educação hierárquica patriarcal. Sempre fui uma criança que gostava de brincar, mas a cada brincadeira poderia vim como consequência uma reclamação. Por esse caminho surgiram as inquietações que deram origem a esse trabalho. Chegou um momento em que comecei a reproduzir algumas ideologias do meu pai, mas essa concepção realmente faz algum sentido? Diante desse contexto, me propus a investigar autores que defendem a importância do lúdico, para assim poder perceber a importância do lúdico para o processo de aprendizagem na educação infantil.

No decorrer do meu processo educacional no curso de graduação, pude perceber que os estudantes adultos, em seu processo de aprendizagem, se orientam pelos livros e discussões. Ao consultar várias referências, constroem pensamentos, mudam opiniões, concordam, entram em divergência com autores e assim sucessivamente. Muitos transformam alguns escritores em inimigos pelo que escrevem, outros se tornam até o super-herói, apaixonam-se. Oscilando ideias sobre o que se lê, torna-se maduro das próprias opiniões. E a criança? Será que ela também não é formadora das suas próprias opiniões? O que ela precisa para amadurecer a intelectualidade na sua infância? Será que a criança deve ser vista como um adulto que se baseia a maior parte do tempo no estudo tradicional?

Fazemos parte de uma geração que zela pelo conhecimento que aprende pelos livros junto com uma professora ou professor, porque o alvo principal é conquistar as oportunidades dos sonhos, ser médico, arquiteto, engenheiro, advogado seguir as profissões que estão no status da sociedade para ganhar muito dinheiro. Não criticando o aprendizado tradicional, mas criticando a maneira que é conduzido muitas vezes os livros são colocados como o principal e único condutor dos aprendizados mais importantes, quando na verdade existem outros meios para apoiar e facilitar a absorção de conhecimento com prazer e sem negar a maneira de estudo universal.

Nessa paranoia, segundo mostrou Rubem Alves (2013), muitos pais querem suas crianças muito cedo nas escolas, pagam fortunas, colocam seus filhos muitas horas estudando trancados em seus quartos a se preparar para o promissor futuro, e se

apresentar qualquer dificuldade no aprendizado o mais insignificante que seja, chama logo o psicólogo acreditando que algo está errado com o filho.

Preocupados com notas, com o certo e o errado, vai criando filhos sem muita preocupação com aquilo que possa gerar prazer e satisfação no processo de aprendizado. As brincadeiras ficam de lado, os brinquedos as crianças não ganham mais, os adultos consideram que é "dinheiro jogado fora", orientam dar roupa, sapatos e livros. Brinquedo para que? Só para quebrar? Vai formando criança competitiva sem prazer pelos momentos recreativos. Quem nunca levou uma bronca por estar brincando? Ou ouviu a frase "brincadeira é coisa de quem não tem o que fazer!".

As brincadeiras, mesmo sendo defendidas por muitos autores da educação infantil já foram e ainda são muito desvalorizadas, porque a sociedade pensa que não são importantes instruem os indivíduos como robôs e temos que reproduzir todos os dias o que ela acha que é bom, ou não seremos aceitos e carregaremos nos ombros o fardo da rejeição. "Há muitas escolas que não passam de jacarés. Devoram as crianças em nome do rigor, de ensino apertado, de boa base, de preparo para o vestibular. É com essa propaganda que elas convencem os pais e cobram mais caro... Mas, e a infância? E o dia que não se repetirá nunca mais? [...]" (Rubem Alves, 2013, p.59 e 60). Consideramos que é necessário achar caminhos que nos ajudem a visualizar as crianças como sujeitos de sua existência.

Pois como definem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as crianças são:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza, produzindo cultura. (BRASIL, 2010 p.12).

A educação infantil é para ser considerada a fase mais importante da vida do ser humano. É muito comum ao se pensar em brincadeiras no processo de aprendizado da criança, dirigir-se a esse modelo de ensino como supérfluo ou a algo que direcione apenas momentos lúdicos. Tizuko Kishimoto (2010) mostra que o ato de brincar das crianças além de propiciar momentos de prazer concede o desenvolvimento mais amplo. Ainda segundo a mesma autora, entende-se que o direito de brincar em sala de aula, dar à criança a habilidade de reproduzir a realidade a qual está inserida propiciando-lhe aprendizados. Dar também o direito de solucionar os conflitos pessoais que surgem entre as brincadeiras. Oferecem a independência que esses indivíduos precisam para se

reconhecerem, entender suas limitações e pensar soluções que propiciem uma sociedade, mais respeitosa e igualitária.

Este trabalho, “Brinquedos e Brincadeiras no processo de Aprendizagem na Educação Infantil”, emerge para contribuir com o conhecimento dos processos educacionais lúdicos e pedagógicos. Consideramos que os processos devem pensar tanto na qualidade que as brincadeiras propiciam, quanto na necessidade de interações entre elas que contemple necessidades sociais das crianças. O acesso da criança à educação infantil e os momentos lúdicos que a fase envolve são tão significativos que se for vedado esse direito, acarretará deficiências no aprendizado que afetarão a vida adulta.

A professora ou professor da educação infantil tem um papel relevante na vida das crianças, uma vez que faz despertar nos seus estudantes por meio das atividades, o desejo pelo aprendizado. Para melhor garantir esses direitos à criança, o profissional deve ter uma formação ampla onde busque caminhos que alcance essa realidade.

Segundo Kishimoto (2010), “ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de usos desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras” (p. 01). O exercício de aprender é uma corrente de vivências sociais que se estrutura pelo contato entre os indivíduos e os momentos de brincadeiras contribui nessa formação de aprendizados.

Brincar é muito mais que uma simples atividade, é exercitar a criança para habilidades e aprendizados desenvolvendo-se, como defende Kishimoto:

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimento e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar. Ao brincar a criança experimenta o poder de criar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver. (KISHIMOTO, 2010, p. 01)

O exercício de aprender por intermédio das brincadeiras faz com que às crianças relacionem o aprendizado ao prazer, e melhor desenvolvam o aprendizado brincando. É brincando que a criança aprende.

Considerando esse contexto, no presente trabalho apresentamos como problema: como os brinquedos e brincadeiras podem ser utilizados no processo de aprendizagem da criança e quais atividades e conteúdos podem ser utilizados nos momentos lúdicos? Para tanto, o objetivo geral do trabalho é analisar a utilização das atividades lúdicas no processo de aprendizado das crianças, como atividade crucial na construção do saber. Assim, apresentamos como objetivos específicos: I- analisar a construção do aprendizado da criança por intermédio dos momentos lúdicos; e II- identificar atividades e conteúdos que as crianças vivenciam por intermédio dos brinquedos e das brincadeiras em sala de aula.

Cabe destacar que o estudo teve como base a literatura existente sobre as atividades lúdicas que são praticadas em sala de aula com seus respectivos resultados. Trata-se, portanto, de um estudo bibliográfico e foi pensado justamente para entender se os processos educacionais da criança pela forma lúdica podem ser vistos, entendidos e percebidos como uma ferramenta construtiva do saber.

Neste trabalho utilizamos o estudo bibliográfico como a estratégia metodológica fundamental. De acordo com João F. de Amaral (2007), o estudo bibliográfico é um dos principais instrumentos que possibilita a construção das respostas sobre as inquietações do conteúdo investigado, que se objetiva analisar. Em qualquer investigação, o estudo bibliográfico possibilita o melhor entendimento sobre o tema da pesquisa constituindo-se assim a etapa mais importante e que enriquece o trabalho. Consiste em auxiliar os levantamentos das inquietações que o tema de pesquisa suscita enriquecendo as informações. Segundo o autor, o estudo bibliográfico tem como objetivo propiciar uma atualização intelectual rebuscada sobre o tema escolhido dando resposta ao problema levantado na pesquisa. A partir disso o estudo bibliográfico possibilita contribuir com os estudos já realizados apontando novos possíveis problemas e as possíveis soluções além de novas perspectivas através das significativas análises (AMARAL, 2007).

Ao tomarmos como objeto de pesquisa os brinquedos e brincadeiras no processo de aprendizagem na educação infantil, adotados como referências principais os estudos de Tizuko Kishimoto (2010; 2012), Ana Cristina Alves (2010) e Henri Wallon por defenderem a importância da conciliação entre o brincar e o educar, fazendo pelas análises dos seus estudos, perceber que uma criança que brinca não está apenas

usufruindo de momentos recreativos, ela também está aprendendo a ser um ser social, a criar vínculos. Aprende também a interagir com as situações simbólicas e da imaginação. A brincadeira garante a criança o direito de tomar decisão e de escolher além de criar. As interações que a brincadeira proporciona permitem a formação de indivíduos aptos a enfrentar os desafios de relacionar-se em sociedade. Estágio de vida (sensor-motor e projetivo, 1 a 3 anos), conforme Henri Wallon (2007) é o momento em que as crianças começam a ter a percepção do real e desenvolvem a sua inteligência por imitação, tomando como referência o que acontece ou existe no seu meio. Em sequência a fase da criança que se segue o personalismo (3 a 6 anos) segundo Wallon a criança mostra a predominância dos conjuntos afetivos, exploram a si mesmo por imitação. Ainda que elas não entendam o teor do peso dessas atitudes elas internalizam a situação a que está sendo posta diariamente. Então observamos, pelas ideias de Wallon, que essa diferenciação vem ser um conceito chave na psicogenética que envolve o processo de formação da personalidade da criança.

Rubem Alves (2013), discorre por estórias muito divertidas a necessidade de se pensar o período da infância com respeito ao momento do indivíduo enquanto criança, esclarecendo a importância dessa fase e tendo como prioridade a necessidade infantil. Como é colocado pelo autor, o aprendizado apenas ‘a fim de’ passar nos vestibulares, que são impostos desde cedo as crianças são logo esquecidos, ao término dos testes (ALVES, 2013). Sugerindo assim que esse tipo de aprendizado poderia ser substituído pelo aprender em função do prazer e da utilidade. E assim iniciaria o cultivo do tipo de inteligência essencial ao desenvolvimento da ciência que cabe a boa excelência pela intelectualidade daquele que pensa como alguém que brinca.

Na perspectiva de aprofundarmos essa discussão organizamos o texto em dois capítulos antecidos por esta introdução e precedidos pelas considerações finais: no primeiro capítulo discutimos a construção do aprendizado da criança por intermédio dos momentos lúdicos e em seguida analisamos as atividades e conteúdos que as crianças vivenciam por intermédio dos brinquedos e brincadeiras em sala de aula. Nas considerações finais apontamos as conclusões a que chegamos, bem como inquietações que podem servir de perspectivas para futuras investigações.

2. A CONSTRUÇÃO DO APRENDIZADO DA CRIANÇA POR INTERMÉDIO DOS MOMENTOS LÚDICOS.

Segundo Ana Cristina A. de Jesus (2010), as brincadeiras e os jogos passaram a ser bem vistos pelos órgãos educacionais no século XVIII primeiramente nas escolas jesuítas. É mais ou menos nesse período que os educadores da época atribuem a necessidade de incluir as brincadeiras e os jogos como parte crucial ao desenvolvimento social e cognitivo das crianças, cada uma segundo a sua idade e suas peculiaridades. Um dos incentivadores para a dimensão da importância do aprendizado pelos jogos e brincadeiras foi o filósofo Froebel, intelectual defensor das práticas lúdicas nos espaços infantis, as quais segundo ele habilitariam as crianças a desenvolver de forma significativa as habilidades. Entre o século XVIII e XIX nos Estados Unidos ocorreu a retomada do pensamento de Froebel influenciando diversas nações. A contribuição intelectual do filósofo propiciou em vários países o surgimento das escolas de jardins de infância.

Henri Wallon importante intelectual na temática de jogos e brincadeiras para o desenvolvimento educacional da criança contribui em suas teorias para a percepção de um modelo educacional que se relaciona com o desenvolvimento humano intrínseco a educação. A brincadeira segundo ele ajuda a criança a se socializar entre uma brincadeira e outra ela acessa a uma espontaneidade desenvolvendo-se suas habilidades no âmbito social, cognitivo, motor e também intelectual para o aprimoramento do desenvolvimento.

Outro fator importante nesse processo é a consideração aos estágios de desenvolvimento da criança em sua respectiva idade.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198).

A brincadeira é o principal instrumento que as crianças possuem para formular tudo que aprenderam, tendo como pano de fundo a imitação. Como escreveu Wallon que a brincadeira impõe aos homens as práticas da sua existência. Nesse momento as crianças estarão vivenciando seus momentos de prazeres e satisfações além de estarem

se desenvolvendo com auxílio do meio que está inserida. Assim, elas criam a partir disso, uma percepção positiva ou negativa de si ou sentimento de baixo/alto grau de autoestima. Nessas relações também a criança terá acesso imediato ao universo da cultura que as rodeiam.

A educação infantil torna-se parte importante para as sociedades e para torna-la mais interessante à inclusão de brinquedos e brincadeiras funciona como praxe. Segundo Jesus (2010) muitas ideias do passado, inclusive presentes no cristianismo de que os jogos influenciam para o mau caráter dos jovens foram derrubadas. Agora dissemina a ideia que as crianças desenvolvem melhor o aprendizado com o apoio dos momentos lúdicos.

As brincadeiras e os brinquedos são as ferramentas mais importantes para a recriação de tudo que a criança aprende no seu processo de formação. Mesmo sendo pequenas, elas sabem muito, e esse saber é colocado em prática, no contato com os brinquedos e com as brincadeiras que a educadora ou educador disponibiliza. Mas o que é a brincadeira? Nesse caso, a entendemos como a ferramenta da execução da atividade lúdica que a criança necessita para expressar suas vivências, recriar a realidade e a imaginação. Um brinquedo é livre, já outras são dirigidas. (KISHIMOTO 2010). O brinquedo possui um conceito diferente apesar de ter o mesmo objetivo lúdico. É o objeto que a criança utiliza para desenvolver atividades lúdicas sem necessariamente a aplicação de regras, o brinquedo é o objeto que faz surgir à brincadeira (JESUS, 2010).

A aprendizagem através do jogo é aquela adquirida por meio de regras já a brincadeira é o ato onde a criança expressa suas emoções uma mistura de realidade com ficção um adulto é sempre tomado como exemplo, para expressar o que ela vê e o que vivencia. (JESUS, 2010 pag. 7.).

Para auxiliar as atividades das crianças na sala de aula precisamos ter brinquedos e brincadeiras de qualidade que permitam de maneira qualificada acontecer o aprendizado das crianças. Cada criança desenvolve um jeito particular de brincar. Nesse momento não desenvolve apenas momentos recreativos, nessas atividades estão se expressando, desenvolvendo habilidades específicas entre elas; organização, interação, criatividade, competição, disciplina, respeito às regras, aprendem a trabalhar em grupo, desenvolvem o raciocínio lógico, a imaginação e a alegria (KISHIMOTO 2010). Uma criança que brinca é percebida por suas professoras e professores como

capaz de enfrentar desafios, a relacionar-se bem com seus amigos e estão aptas a solucionar problemas. Outra observação importante a se fazer é que a criança que não brinca não desenvolve experiências necessárias e são prejudicadas. Concordando com o que defendeu Kishimoto (2010), que a brincadeira que é dirigida a criança é o que garante a cidadania e ações pedagógicas de maior qualidade.

Kishimoto e Freyberger (2012) a brincadeira em si juntamente com os brinquedos vai propiciar à criança a possibilidade de mostrar a leitura que a mesma faz do espaço onde está inserida, obvio que com muito “faz de conta”. Tintas para colorir, lápis de diversas cores para fazer desenhos, utilização de materiais comuns do dia-a-dia para construção de brinquedos artesanais, livros ilustrativos, músicas para alegrar, dançar e produzir aprendizados, reprodução de papéis sociais, ouvir e contar histórias, obter brinquedos de seus super-heróis e que a criança goste. São exemplos de algumas atividades utilizadas pelos professores em sala de aula para contribuir com o desenvolvimento intelectual, social e moral da criança. Desenvolvidas na maioria das vezes em conjunto com a classe, essas atividades dão autonomia a criança, liberdade de imaginação e noções de conhecimentos básicos do dia-a-dia.

O que precisa para essas brincadeiras acontecerem? De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), primeiro, deve ser ofertado nas instituições de ensino espaços adequados para o professor junto com os alunos desenvolver as brincadeiras. Segundo, é preciso também analisar a qualidade dos brinquedos antes de ser passado para a sala de aula. Terceiro, escolher os tipos de brinquedos que realmente sejam apropriados para o melhor desempenho das atividades lúdicas que realmente estabeleçam conhecimento da melhor forma possível para o objetivo educacional.

O brinquedo visto como objeto suporte da brincadeira pode ser industrializado, artesanal ou fabricado pela professora junto com a criança e a sua família. Para brincar em uma instituição infantil não basta disponibilizar brincadeiras e brinquedos, é preciso planejamento do espaço físico e de ações intencionais que favoreça um brincar de qualidade. (KISHIMOTO e FREYBERGER 2012, p. 11).

As tintas para colorir na sala de aula, são materiais que auxiliam em atividades que pode ser aproveitada muito ricamente pela espontaneidade que a criança oferece. No momento do contato com as tintas a criança cria o conhecimento das cores, deixa suas marcas, mãos e pés, promove a liberdade de ação. Geralmente o professor

disponibiliza de papeis e pincel, a criança aproveita cada espaço do material que é ofertado a ela para deixar seus registros. É um momento de interação, a criança pode também identificar a sua marca das dos demais colegas diferenciando-as, fazendo um reconhecimento de si. Lembram as referidas autoras, que a experiência com as cores que possibilita a criança reconhece-las e percebe-las no dia-a-dia. A melhor parte nessa brincadeira é a liberdade de poder se sujar, esse momento gera na criança prazer e felicidade além de colorir com mais liberdade, criar e recriar.

Construindo o entendimento sobre os autores estudados pode-se afirmar também que as crianças amam desenhar, representar o que viram ou ouviram, os lápis de cores ajudam a criança a produzir suas obras, essa é uma experiência onde ela pode recriar quase tudo que goste. A natureza, a família, os amigos e as coisas da imaginação. A criança pode ser decifrada pelo desenho que faz, porque nesse momento ela expressa suas emoções vividas. Essa arte ensina que a criança não deve ser só vista como um aluno dentro de sala, ela tem histórias, experiências e o incentivo do desenho permite que a criança produza sua realidade. Quando esses desenhos são compartilhados em sala de aula entre os estudantes, os mesmos vão reconhecendo as semelhanças ou as diferenças entre si, o professor pode mostrar nesse momento a riqueza das diversidades culturais entre os indivíduos. Toda criança é um artista, adora criar, tudo que seja real ou que seja imaginário.

Em sala de aula também são desenvolvidas atividades de construção de brinquedos. A criança não tem preferência por objetos de alto valor industrial, ela quer ter apenas contato com o que lhe der prazer, que possibilite trocas de brincadeiras sozinhas ou em grupo, (Kishimoto; Freyberger, 2012).

O brincar e as características do brinquedo institucional são mais importantes, assim o preço do brinquedo incluiu fatores que devem ser considerados na hora da compra e não simplesmente dizer “esse é mais caro ou barato” Caro e barato são critérios que devem ser discutidos e avaliados dentro de uma perspectiva institucional, lembrando que o uso dos brinquedos sempre é coletivo. [...] Portanto, ao comprar um brinquedo deve-se estar atento para não levar simplesmente o mais barato, mas aquele que oferece o melhor/benefício aos usos da criança e da instituição. (KISHIMOTO; FREYBERGER, 2012, p. 151).

Ainda pelas ideias das mesmas autoras, outra atividade recreativa importante que acontece em sala de aula é a brincadeira de ouvir e contar histórias. As crianças aparentemente tem um talento especial para inventar histórias. Quando as mesmas

chegam à escola e a professora oferece essa metodologia elas se sentem imensamente felizes. Além de ouvir gostam de contribuir. O professor utiliza de fantasias para aproximar a ficção da realidade.

As crianças gostam de ouvir vários tipos de histórias e, também, fazer comentários, mas não de ficar apenas ouvindo, caladas. Ao participarem, vão se tornando leitoras, ouvindo, vendo, falando, gesticulando, lendo, desenhando sua própria história e construindo novas histórias (KISHIMOTO; FREYBERGER 2012, p. 30).

Toda modalidade artística utilizada para a complementação do momento de contar histórias é enriquecedora, porque desperta na criança maior interesse. O professor não deve ficar preso apenas à literatura, um sucinto brinquedo pode fazer surgir inúmeras histórias e de preferência construídas pelas próprias crianças. A história dos livros seja ilustrativa ou letrada dá à criança a noção de início, meio e fim e assim ela constrói as próprias histórias com essa necessária ordem. Segundo Kishimoto e Freyberger (2012) a possibilidade da criança poder ouvir histórias de diversos gêneros, permite que recontem, trazendo vivências, demonstrando seus saberes e ampliando as narrativas. O processo da aprendizagem da leitura e da escrita depende muito desse contato com a imagem representativa, a história.

Desde o nascimento, as crianças vão entrando no mundo letrado. Esse mundo se inicia com gestos, olhares, depois com a oralidade, desenhos e construções tridimensionais, até chegar à escrita propriamente dita. A oralidade, a escrita e a imagem visual têm papel importante nesse processo e integram o que se entende por letramento. (KISHIMOTO; FREYBERGER, 2012, p. 32).

Hora da música. Um momento que acontece em sala de aula que amplia emoções. A música tem a função de alegrar, de produzir aprendizados, aproximar, gesticular, desenvolver a linguagem. A professora e o professor aproveitam dessa metodologia para trabalhar a riqueza cultural utilizando as músicas que fazem parte da diversidade da cultura nacional. Também utiliza a música para introduzir o aprendizado dos conteúdos de sala de aula e assuntos de boas maneiras. Os instrumentos musicais são a ferramenta de melhor utilização para tornar o momento mais festivo e prazeroso, assim a criança vai criar juntos diversos ritmos, com dança, palmas e gestos. As letras das músicas são literalmente aprendidas, e em outros momentos a criança vai cantar e dançar muito com a música que aprendeu. (Kishimoto; Freyberger, 2012).

A música é essencial para a formação do ser humano. Auxilia o desenvolvimento do raciocínio lógico, traz envolvimento emocional e é instrumento de interação. Brincadeiras de experimentar diferentes sons e instrumentos musicais contribuem para o desenvolvimento da linguagem e a formação integral das crianças. (KISHIMOTO; FREYBERGER 2012, p.23).

Cada uma dessas brincadeiras, a participação do professor é fundamental, ele interage, e assim facilitará as relações. “Essa forma de interação possibilita a construção de uma cultura compartilhada entre professores e criança, criando um fluxo positivo que potencializa aprendizagem.” (KISHIMOTO; FREYBERGER, 2012, p. 16)

Mediante esta análise percebe-se que a professora ou o professor é o condutor das atividades e é também quem interpreta se a metodologia recreativa é válida ou não. O professor é fonte de consulta das crianças, a referência, sendo assim, a relação que o docente constrói em sala com seus alunos tem forte relação com o resultado dos níveis de aprendizado da criança. Os estudantes da educação infantil buscam a interação com o professor para se sentirem mais acolhidos e com mais liberdade, se o professor não construir uma relação recíproca a criança não dialoga não demonstra suas dificuldades e não participa assiduamente das atividades.

Mediante a importância da figura da professora para o melhor desempenho dos aprendizados da criança nessa relação de participação social com sua classe, não defenderemos aqui como esclareceu Piaget (1998), uma educação sobre as crianças que desperte um respeito unilateral:

[...] implica uma desigualdade entre aquele que respeita e aquele que é respeitado: é o respeito do pequeno pelo grande, da criança pelo adulto ou do mais novo pelo mais velho. Este respeito, o único em que se pensa habitualmente, e aquele em que M. Bovet insistiu particularmente, implica um constrangimento inevitável do superior sobre o inferior: é, portanto, característico de uma primeira forma de relação social, que designaremos por relação de constrangimento. (PIAGET,1998, p.26).

A professora ou professor estabelecerá seu espaço de responsável pela turma, mas isso vai ser trabalhado de forma construtiva, com diálogo e sem divisões do superior e do inferior. Precisa estar presente, junto, participando das brincadeiras com as crianças. Nas atividades recreativas entre elas ele deve observar de pequena distância. Ao se dirigir para conversar com a criança, se colocar na mesma altura dirigindo-lhe o olhar o

toque e o carinho demonstrando a parceria. E no momento de impor alguma ação necessária olhar de cima. Kishimoto; Freyberger (2012).

Ainda segundo as mesmas autoras, os momentos em que se desenvolvem jogos e brincadeiras levam à turma a criar algumas confusões e a professora ou o professor deve ter sabedoria para resolvê-los, fazer ambos solucionar seus conflitos de maneira amigável, fazendo a criança aprender a controlar o sentimento de raiva. A criança é uma cidadã e como tal, possui o direito de ser ouvida, entendida e respeitada “os conflitos fazem parte da educação e devem ser experimentados, para que aprendam a compartilhar e a viver em grupo” (KISHIMOTO; FREYBERGER, 2012, p. 39). Nessas relações aprenderão a construir um respeito mútuo o qual defende a igualdade entre os indivíduos que se relacionam e o respeito recíproco. "Este respeito não implica, assim, qualquer constrangimento e caracteriza um segundo tipo de relação social, que designaremos por relação de cooperação." (PIAGET Pg. 26 1998).

Pensar a relação dos educadores e também das crianças entre si de maneira harmoniosa, com muita cooperação e com respeito recíproco, conduzirá uma melhor relação entre as crianças e o professor, pois está criança não terá medo de perguntar para tirar as suas dúvidas, de participar dos momentos da história, cantar, dançar. Formará uma imagem de confiança para com o professor e se sentirá mais livre para aprender. Lembrando que, quanto mais a criança é amiga do seu professor, mais ele a conhece, permitindo que seja capaz de perceber conflitos familiares que a criança possa estar passando, entre abusos de diversas maneiras, assim o professor pode intervir no drama dessas crianças.

As educadoras e educadores são responsáveis na maioria das vezes por fazer parte da construção do aprendizado das crianças, isso se dar justamente pelo brinquedo e pelas brincadeiras que são ofertados a ela capaz de gerar aprendizados. Muitos brinquedos e brincadeiras possibilitarão a construção de ações essenciais à convivência da criança em sociedade. Se a criança é pacífica ou violenta, individualista ou colaboradora, depende muito com o que se brinca.

Ao escolher o brinquedo e as brincadeiras e dá para a criança, se determina na maioria das vezes para onde deve seguir os comportamentos do indivíduo. Os estudos de Claudilene Silva (2013) apontam que se considerarmos as relações étnico-raciais, as brincadeiras muitas vezes também podem ser transformadas em agressões raciais, focando, sobretudo às características fenotípicas: cabelo e cor da pele. Citando Eliane Cavalleiro (2000), afirma a autora que no espaço escolar essas agressões raciais são

vivenciadas em meio ao silenciamento cúmplice de alguns docentes, que não sabem como trabalhar a questão. Para a autora a brincadeira aparece enquanto a adoção do racismo como forma disfarçada de “diversão” e se a escola silencia sobre essa questão, atua na manutenção das práticas racistas, naturalizando as brincadeiras e os ditados populares preconceituosos.

Todavia, para Silva (2013) da mesma forma que a brincadeira pode ser utilizada como forma de manutenção do racismo ela também pode ser utilizada como instrumento de sua superação.

O exercício de envolvê-los em brincadeiras, atividades lúdicas e práticas artísticas que possuam o enfoque das relações étnico-raciais é um mecanismo interessante, que pela prática das professoras narradoras já se mostra eficaz como contribuição para a desconstrução do racismo no espaço escolar (SILVA, 2013 p. 138).

Na maioria das vezes as diferenças raciais são colocadas para os indivíduos de maneira hierarquizada, distinguindo negativamente as características biológicas, seja pela cor da pele, tipo do cabelo, ancestralidade entre outros fatores, essas referenciais se dirigem na maioria das vezes exclusivamente sobre o negro.

A escola não é campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sócio-cultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/das. (GOMES p. 69 1996).

Outro fator que deve ser percebido e desconstruído em sala de aula pelos momentos lúdicos é a influência de superioridade e inferioridade entre os gêneros. A influência social segue presente no âmbito escolar, segundo Guacira Louro (2014), a escola produz diferença, distinções, desigualdades e separa os sujeitos. Por isso é importante generalizar a utilização dos brinquedos e as brincadeiras na sala de aula, gerando maior interação e respeito entre as crianças para conduzir os momentos lúdicos e assim ajudar a manter o objetivo dos momentos recreativos. Podemos notar essas diferenças em muitas brincadeiras que são dirigidas exclusivamente para meninos e outras para as meninas. Geralmente estima-se que menino brinque com brincadeiras mais “pesadas” como vários tipos de esportes entre eles o futebol. Já para a menina estima-se que brinque com brincadeiras “leves” como as que remetem as atividades domésticas. Nesse modelo de organização social cria hierarquia entre os gêneros

delimitando no espaço o que cada deve fazer e determinando os espaços que devem ocupar.

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos; garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos --- brinquedos tecnológicos industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professoras e pais. (KISHIMOTO, 2010 p. 02).

As práticas escolares têm produzido ao longo de muitos anos uma dominação sobre os corpos que de formas peculiares exercem as influências sobre os discentes. Seja nas brincadeiras, nos conteúdos de aprendizados, na escolha do brinquedo que as crianças irão brincar, delimitando como disse (LOURO, 2014 p. 62) “[...] o que cada um pode ou não fazer”. A importância da seleção do brinquedo e da brincadeira é delimitador do que a criança possa aprender, por isso, o cuidado meticuloso na hora da escolha de ambos. As diretrizes curriculares nacionais revelam a necessidade das atividades recreativas como um direito para todas as crianças por que faz parte da formação do aprendizado, que deve justamente ser apresentado, no eixo das atividades pedagógicas na execução de brincadeiras e atividades que proporcionem interação e respeito.

As propostas pedagógicas devem entre outras coisas, colaborar na construção de “novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa”. (BRASIL, 2010, p. 17).

Segundo Nilma Gomes (1996) muitos valores são perpetuados porque já vêm formados pela vivência social além de já existir uma ideologia racial e de gênero que domina o espaço escolar que percorre todo processo de aprendizagem do indivíduo. Docentes não possuem preparação adequada para labutar com a diversidade e terminam reproduzindo o que a sociedade estipula.

A escola é um dos espaços que interfere e muito no complexo processo de formação de identidades. O tempo de escola ocupa um lugar privilegiado na vida de uma grande parcela da sociedade brasileira. Esse tempo registra lembranças, produz experiências e

deixa marcas profundas naqueles que conseguem ter acesso à educação escolar. Tais fatores interferem nas relações estabelecidas entre os sujeitos e na maneira como esses veem a si mesmos e ao outro no cotidiano da escola. (GOMES, 1996, p. 69).

O comportamento das crianças segundo o gênero, são determinados pela sociedade antes mesmo da criança nascer e essa estrutura social adentra os portões da escola e tem grande influência nas realizações das brincadeiras e dos brinquedos preparados para os alunos. Como citou Bianca Haertel (2007), O menino que deve possuir o caráter "durão", gostar de azul, ser torcedor de algum time de futebol e excelente jogador além de namorador, não pode gostar de brincadeiras de caráter sutis, muito menos brincar com brinquedos de aparelhos domésticos ou bonecas. Se proceder de forma contrária aos princípios considerados masculinos será ridicularizado e gerará discrepância segundo a veracidade do sexo. Ainda segundo Haertel (2007) para a menina tudo acontece da mesma forma. A "doce" menina, regras são critérios para elas e devem ser seguidas nos mínimos detalhes. Deve gostar de rosa, balé é praticamente uma ordem social. Recai sobre elas a responsabilidade de uma delicadeza, cuidados, ao invés de carros e bolas ganham utensílios de cozinha e bonecas para desenvolver o extinto materno e o exercício do serviço doméstico.

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez e um macho que vai dar sequência à linhagem [...] Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam os primeiros chutes [...] em torno de uma menina quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciadas de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar. (DAOLIO p. 102, 1995, apud HAERTEL p. 100, 2007).

Mediante a análise da autora Haertel, pode-se afirmar que ambos os gêneros sofrem com estereótipos que são determinados para cada sexo. Os que não se enquadram nessas atividades preestabelecidas para ambos terminam não sendo aceitos e são comparados a símbolos pejorativos.

A escola não deve reforçar esses preconceitos, se o indivíduo é menino ou menina a identidade dos mesmos não se restringe a essas características nem se limita a determinadas brincadeiras. Por isso orienta-se a inclusão nas brincadeiras entre as crianças de atividades sempre conjuntas e principalmente que quebre paradigmas

traçados negativamente para exercer influência dominante sobre o outro, construídos ao longo desses séculos pela sociedade.

Podemos destacar que o processo educacional será sempre derivado de inúmeras possibilidades entre a diversidade. Seja ela social moral ou intelectual. É muito fácil lançar estudos sobre os indivíduos e determinar sobre ele o que fazer, porém exercer a atividade de educar é uma tarefa bastante árdua. Visto da análise que o ser humano não está estático e sim em constante transformação.

3. ATIVIDADES E CONTEÚDOS QUE AS CRIANÇAS VIVENCIAM PELOS MOMENTOS LÚDICOS.

Presentes na infância de qualquer pessoa, os brinquedos e as brincadeiras são instrumentos que também atribuem aprendizados. Todavia, quais atividades e conteúdos as crianças podem vivenciar com auxílio dos brinquedos e das brincadeiras? Lembro-me que na infância, não tive muito acesso a brinquedos, mas nem por isso deixei de brincar ou reconstruir a realidade a qual estava inserida. O fato de não possuir uma boneca, ou uma bola permitiu inventar uma série de objetos com materiais que possuía para poder brincar. Várias sacolas de supermercados uma por dentro da outra se transformava em bola, chutava com meu irmão até estourar, a diversão com certeza era garantida. Foram vivências que marcaram percurso na infância que hoje faz refletir a importância das relações entre indivíduos que a brincadeira proporciona.

O violão era um pedaço de tábua com pregos dos dois lados para amarrar os fios de náilon bem apertados para conseguir gerar o som. Como não lembrar da reprodução da sala de aula, onde os blocos eram as carteiras, uma tábua era o quadro e as cascas de caranguejo seca eram os alunos. Todas essas brincadeiras eram muito prazerosas e desempenhava com meu irmão, digamos que essa relação de construção de brinquedos para poder brincar juntos nos propiciou o aprendizado de trabalhar juntos. Um dia minha mãe chegou com um mini game muito famoso na minha infância, como foi apenas um brinquedo para duas crianças praticamente da mesma idade os conflitos começaram. *-Eu quero! Mãe me deu! É minha vez de brincar, eu não vou dar.* Apesar dos conflitos fazerem parte do processo entre as brincadeiras é por essas práticas como explicou Wallon que centra as fases mais importantes de desenvolvimento da criança e por isso a necessidade de analisar como as ações dessas crianças exprimem, sem dúvidas, sentimentos e desejos. E para tanto, faz-se necessário que o educador tenha sensibilidade e habilidades para perceber tais emoções e assim agir da melhor maneira possível, respeitando as diferenças de raça, gênero e camada social de cada criança. Conforme o pensamento de WALLON, a emoção encontra-se na origem da consciência, dessa forma, a emoção (nas crianças) representa seus primeiros pensamentos e suas falas.

Quando um ou o outro tomava posse do objeto se esquecia do outro, o brinquedo propiciava ficar sozinho com o rosto preso naquela tela, não nos comunicávamos, exceto na hora de brigar para querer a nossa vez no brinquedo. Minha mãe só dizia, não quero brigas, porém não entendia que a presença de um brinquedo tão singular influenciava as relações com meu irmão, passávamos mais tempo brigando que brincando. Até que um dia o brinquedo despencou da mão do meu irmão de cima de um pé de goiabeira e espatifou-se. –“Acabou-se o que era doce”, disse minha mãe. Sofremos a perda do brinquedo e em seguida fomos tramar o que iríamos fazer juntos.

Analisando essa realidade podemos sugerir que um brinquedo pode exercer influência em alguns comportamentos que advém sobre as crianças. O novo brinquedo originou uma série de brigas as quais não conseguiam ser solucionadas. Do mesmo modo, gerou crianças individualistas que não queria dividir e esquecia uma da outra no momento da brincadeira. Claro que o adulto não imaginou a série de conflitos que podia ser gerado até se deparar com a realidade do ato. Se o problema for percebido pelo educador e a partir disso passar para a criança regras para poder usufruir do brinquedo, ótimo, ela receberá orientações para estabelecer horários de cada um brincar um pouco. Essa criança será orientada a compartilhar, fazendo desse aprendizado habilidade importante para convivência social. Porém se nenhuma atitude fosse tomada e o brinquedo permanecesse por muitos anos o individualismo, a falta de diálogo e organização para escolher junto o que fazer permaneceria, formando adultos assim preestabelecidos. O professor deve dominar de forma positiva as emoções diminuindo assim o caos nos ambientes educativos para que as relações externas dessas crianças sejam saudáveis, de parceria, colaboração, cuidado, amparo, afeto entre outros aspectos que possa emergir o melhor desenvolvimento emocional e cognitivo. A criança encontra-se numa fase em que inicia a apreensão do real e também a imitação das ações dos adultos, nós, educador/as e profissionais de educação, sobretudo, devemos ter uma precaução e repensar as nossas ações para que as atuações inadequadas não venham a ser interiorizadas e reproduzidas no dia a dia dessas crianças.

Segundo Kishimoto; Freyberger (2012), Kishimoto (2011) e (2010), muitas brincadeiras aparecem como fundamentais na abordagem de conteúdos e essenciais ao desempenho de atividades que propiciam aprendizados, entre elas as brincadeiras compartilhadas, a contação de histórias, discorrem sobre a importância da representação que a criança desenvolve no faz de conta, onde consegue desempenhar papéis da

realidade com muita clareza propiciam além de prazer interação. Outro fator relevante que os autores esclarecem é a importância de ajudar a criança na prática da organização dos materiais e dos brinquedos.

A partir das análises das referências percebe-se que o brinquedo desperta interesse e curiosidade no processo de aprendizagem da criança, essa percepção levou os intelectuais da educação infantil a investir nessa modalidade de ensino. Os jogos e as brincadeiras não são algo novo, nas sociedades primitivas essa prática já existia. Utilizando desses mecanismos que as sociedades antigas transmitiam o conhecimento aos sucessores. Funcionava como uma tomada de conhecimento dos papéis sociais onde transmitiam aos mais novos os valores e as normas da sociedade. Deste modo, os jogos e as brincadeiras passam a ter um papel valorativo para os educadores do século XXI por motivos muitos parecidos das sociedades autóctones. Os educadores do século XXI buscam por intermédio dessa ciência propiciar o aprendizado aos alunos de forma prazerosa, delimitando suas dificuldades e emergindo novas perspectivas para solucionar os problemas que as crianças possam apresentar em sala de aula. (JESUS 2010).

De acordo com a literatura pesquisada, as brincadeiras ou atividades vivenciadas pelas crianças sala de aula, com maior frequência podem ser visualizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 – Mapeamento das atividades vivenciadas e seus conteúdos

ATIVIDADE	CONTEÚDO	APRENDIZADO
Contaçãõ de História	Narrar às histórias dos livros e suas próprias experiências. Kishimoto; Freyberger (2012)	Segundo Kishimoto e Freyberger (2012) Iniciam no mundo letrado, pela oralidade, gestos, olhares e desenhos até o momento que chegam a escrita propriamente dita.
Faz de conta	Reproduzir a realidade e a imaginação.	Segundo Kishmoto (2011) O faz de conta muito utilizada pelas crianças aprimoram seus aprendizados que auxilia na convivência com o semelhante. Aumenta habilidades linguísticas, expressam-se

		emocionalmente e conseguem solucionar problemas.
Organização dos materiais ou dos brinquedos	Principiar a independência na criança, pela organização. Kishimoto (2010)	Tornar-se organizada e independente, respeitar o espaço. Kishimoto (2010).
Inserção no contexto Histórico	Ajuda a criança a penetrar no significado das culturas. Kishimoto (2010).	Valorização da cultura existente.
Uso das tecnologias	Utilizar as tecnologias como ferramenta de construção para o aprendizado. Sousa (2011)	Dinamização e ampliação das habilidades cognitivas. Sousa (2011).
Educação Ambiental	Estrutura educacional conscientizada da realidade ambiental. Kishimoto (2010).	Valorização dos recursos naturais e respeito ao meio ambiente. Kishimoto (2010).

O professor em sala de aula deve ter o mesmo cuidado ao colocar determinados brinquedos a disposição das crianças. No momento das crianças brincarem em grupo é muito importante oferecer a elas brinquedos que propiciem a realização mediante a participação dos outros colegas. (Kishimoto; Freyberger, 2012).

Muitas atividades podem ser desenvolvidas pela professora, como as reproduções de personagens preferidos, a professora pode aproveitar para junto com as crianças produzir suas fantasias e depois cada uma contar uma história fantasiada, enquanto os outros escutam e aguardam sua vez. “Os brinquedos na forma de monstros, animais, bruxas, princesas, super-heróis, personagens preferidos das crianças podem, também, desencadear um “mar de histórias” se for dada a liberdade para cada criança narrar suas experiências”. (KISHIMOTO; FREYBERGER, 2012, p. 32).

Segundo Kishimoto (2011), o faz de conta, muito utilizado pelas crianças, aprimora seus aprendizados que auxilia na convivência com o semelhante. Muitas fazem das bonecas suas filhas, imitam as atividades domésticas, imita a professora na escola, os médicos, os cantores entre outros. Todas as atividades realizadas pelos adultos elas reproduzem. Essas agilidades conciliam a pôr em prática tudo que aprende

inclusive os hábitos e costumes dos adultos que estão a sua volta. Essa atividade como defendeu Kishimoto (2010), é considerada como parte do desenvolvimento da cultura da criança. Uma experiência que gera na criança desenvolvimento de se expressar oralmente e emocionalmente, Como citou Kishimoto (2011) de uma afirmação de Kostelnik (1986), onde mostra que a criança aumentam suas habilidades linguísticas, conseguem solucionar os problemas além de desenvolver cooperação.

Segundo análise das referências estudadas pode-se entender que quando imita um professor criança esta se colocando, expondo seus pontos de vistas na sua fala, que pode ser vista como um desenvolvimento de se expressar oralmente, ao passar para os outros colegas seus aprendizados segundo seu ponto de vista. Ela também está se expressando emocionalmente porque transmite na brincadeira suas vivencias sociais e constroem por meios disso os seus aprendizados. Por isso é muito importante que exista em sala de aula os momentos das brincadeiras livres para a criança, para que ela possa produzir aprendizado que vai ser auxiliador no desempenho das atividades importantes do dia-dia.

Segundo Kishimoto (2010), é importante os estudantes estarem inseridos em seu contexto histórico, nas tradições e cultura. Essa abordagem de conhecimento fica mais fácil quando podemos ter o contato com os objetos culturais dos nossos antepassados de forma aproximada.

[...] contar histórias aprender as músicas e danças que acompanham as tradições ajuda a criança a penetrar no significado dessas culturas. Cada família pode trazer para a instituição infantil os objetos valorizados pela sua comunidade, criando um pequeno museu, fortalecendo as tradições culturais brasileiras e ampliando as oportunidades para comentários de crianças e familiares. (KISHIMOTO p. 13 2010)

As consequências do processo de colonização deram origem à construção de uma geração mestiça, essas misturas formam traços diferentes em cada indivíduo que exprime sua beleza de forma peculiar. Por isso Kishimoto (2010) defendeu a ideia de a escola criar um museu que traga em seu acervo objetos que possa adentrar a cultura de cada de cada criança. O educador junto com sua turma pode abusar de ideias criativas para valorizar cada beleza presente na escola, e cada movimento cultural que adentra seus portões. Aproveitando-se que a escola é o espaço onde a diversidade é imensurável, pode ser trabalhado diversas culturas e com esse conhecimento a criança possibilita a construção da sua identidade.

A riqueza cultural do Brasil propicia a diversidade de manifestação de tradições do folclore: festas do boi bumbá, maracatu, congada, festas juninas, reisado, carnaval, entre outras, cada qual com seus objetos, instrumentos musicais, adereços e suas fantasias. As crianças podem construir o boi bumbá para brincar: é uma forma divertida de entrar nas tradições culturais. (KISHIMOTO p. 13, 2010).

As crianças do século XXI já nascem como popularmente à sociedade expressa, “tecnológica”. Os brinquedos virtuais fazem os pequeninos gastar inúmeras horas do dia concentrados no lazer que os aparelhos oferecem. A escola não pode ficar à margem dessa realidade, e sim, é preciso investir em espaços tecnológicos para as crianças, para que também por intermédio da tecnologia construam seu momento lúdico e também senso crítico. Defendo estes parágrafos que fala sobre a tecnologia seguindo a ideia defendida por Robson Pequeno Sousa (2011) e outros autores que produziram junto com ele.

O desenvolvimento das sociedades contemporâneas está intrínseco as tecnologias que a cada ano se tornam mais modernas e necessárias às atividades complexas e comuns dos indivíduos. Na escola não pode ser diferente as tecnologias é uma ferramenta muito comum na formação educacional das crianças, muitos pais já até baniram brinquedos das atividades lúdicas dos filhos para apenas oferecer-lhes aparelhos eletrônicos. Nessa realidade, a escola deve aparecer como mediadora do equilíbrio entre as brincadeiras das crianças que deve ocorrer com os brinquedos comuns e tecnológicos, priorizando ambos; primeiramente sem permitir que a criança abandone o aprendizado lúdico diversificado, tanto pelo brinquedo que construam, tanto pelos brinquedos comuns e pelo que é ofertado pelas tecnologias.

As crianças desde cedo são bombardeadas por uma série de informações, interações e transformações que acontecem muito depressa pelo envolvimento tecnológico. Essas renovações constantes mechem com o comportamento social, cognitivo, interativo nas crianças, a educadora consciente dessa realidade deve preparar os alunos para dominar esses recursos racionalmente, sem independência e sem danos à saúde dos jovens. O instrumento deve ser uma contribuição à construção de conhecimento.

[...] como potencializadoras de novos textos, novas formas de pensar, novas práticas pedagógicas, portanto dando lugar à multimídia na educação baseada em produção e desenvolvimento, autoria e potencialidade e ao uso do vídeo digital na educação nesta contextualização de aprendizagem multimídia, gerando projetos e investigação, exploração de aplicativos na rede virtual. (SOUSA, et al, p. 21 2011).

O professor ao fazer uso da ferramenta tecnológica não precisa recriar em sala o que a maioria das crianças fazem em casa, mas sim ir além, inspirar o uso dos aparelhos de forma crítica, responsável e principalmente interagindo com os conteúdos abordados em sala, e também propiciar momentos de prazer.

O que se vem afirmando na literatura e na experiência até aqui construída é que no cenário escolar integrado com vivências em multimídias, estas geram: a dinamização e ampliação das habilidades cognitivas, devido à riqueza de objetos e sujeitos com os quais permitem interagir, a possibilidade de extensão da memória e de atuação em rede; ocorre a democratização de espaços e ferramentas, pois estas facilitam o compartilhamento de saberes, a vivência colaborativa, a autoria, co-autoria, edição e a publicação de informações, mensagens, obras e produções culturais tanto de docentes como discentes. (SOUSA, et al, p. 22 2011).

"Diante do exposto, acredita-se que experiências nesse campo de estudo são de grande valor pedagógico e de motivação para alunos e professores." (SOUSA, et al, p. 23 2011). Outro fator importante é a escola estar aberta a instrução do educador, que embora capacitado, muitos não adquirem com rapidez ou precisão o uso de todo recurso tecnológico que tem disposto na escola.

A introdução tecnológica deve ser um aparato para estabelecer melhores relações entre docentes e discentes e estabelecer diálogos de aprendizado. A professora não deve se enxergar como única transmissora do saber, as crianças também precisam ser vistas como intermediadoras do seu aprendizado e saberes. Deve ser escutada, entendida, respeitada e certamente terá muito que aprender com as crianças. As experiências de vivências, das crianças devem ser vista como defendeu Henri Wallon em sua totalidade que possibilite todas as condições necessárias para o indivíduo se desenvolver plenamente em todo processo essencial para o desenvolvimento humano. A educadora ou o educador deve sempre pensar: o que os pequeninos, mais gostam de aprender? Como propiciar a tecnologia com atividades de mais qualidade para o educando? As

descobertas dessas repostas se dão justamente ao relacionamento e comunicação com os discentes.

Segundo Kishimoto (2010) brincar é a hora mais prazerosa do dia para as crianças, nessa atividade o educador já pode introduzir a atividade de organização que também deve ser um conteúdo de aprendizado desenvolvido nas crianças. Ao terminar a brincadeira ou quando o brinquedo deixar de ser interessante, a criança deve ser orientada a guardar os seus brinquedos nos respectivos espaços. A escola deve oferecer uma estrutura que possibilite as crianças desempenharem a organização do espaço onde realiza as brincadeiras. É apropriado ter os armários para os livros, espaços para os brinquedos construídos por elas com matérias recicláveis, os tecnológicos entre outros.

Ainda segundo Kishimoto e Freyberger (2012), nessa atitude a criança começa a se sentir mais independente, da mesma forma que ela pode escolher o brinquedo que vai brincar lhe cabe também à responsabilidade de guardar e cuidar preservando a integridade do objeto. Necessariamente essa criança percebe que não há necessidade de depender do adulto para tudo, começa a desempenhar sua independência e responsabilidade. Muitas crianças vão fazer birra porque não tem paciência de guardar os brinquedos e ao desempenhar o exercício no início vai apresentar e má vontade, a professora ou o professor precisa junto com ela guardar os brinquedos que utilizou, até começar a entender que o ato de guardar faz parte da brincadeira.

A independência é um princípio que se aprende quando a educadora deixa a criança escolher objetos e brinquedos. Ao respeitar o espaço de brincar do outro, ao guardar os brinquedos que não está usando, ao emprestar o brinquedo e esperar sua vez de usá-lo, ela aprende a ter noções de responsabilidade democráticas. (KISHIMOTO, p. 10, 2010)

Outro conteúdo de aprendizado que a professora pode estar trabalhando com as crianças em sala de aula é a educação ambiental. O Brasil é um país rico em recursos naturais. Uma das maiores preocupações na contemporaneidade é justamente a preservação do meio ambiente. O desmatamento da floresta amazônica cresce a cada ano consecutivo, e também outras regiões pelo Brasil com grandes áreas de preservação vem perdendo espaço para a civilização. Nesse processo se perde vastas fauna e flora além da poluição dos rios. Com o crescente processo de degradação ambiental o país e em geral o planeta deixará de ser um espaço agradável para se viver. Os desastres naturais entre terremotos, maremotos, tsunamis e tornados se tornam frequentes devido ao desequilíbrio da natureza pelo desmatamento.

A sociedade, se não mudar comportamentos que gerem e aumentem o processo de degradação ambiental vai entrar cada vez mais em um mundo repleto de contaminações, desastres e as crianças de hoje será quem mais padecerão pelo futuro incerto. Pensar um futuro certo para as crianças de hoje, é também ensiná-las a desenvolver desde cedo o comportamento sustentável.

O espaço escolar precisa também está inserido numa metodologia de ensino estrutura educacional conscientizadora da realidade ambiental. A criança deve aprender desde cedo a cuidar e valorizar com responsabilidade os recursos naturais.

Respeitar o meio ambiente significa não jogar papéis e brinquedos pelo chão e aprender a preservar os recursos naturais: usar os materiais sem desperdiçar, reutilizar os materiais, como caixas, copinhos de iogurte e garrafas de plástico para construir brinquedos. [...] (KISHIMOTO 2010 p. 13).

Em sala de aula o educador pode incentivar as crianças a reciclar, levando instrumentos artesanais que podem ser transformados em outros brinquedos ou materiais para organização do espaço, por exemplo, caixinhas podem ser decoradas e utilizadas para guardar lápis de cores e pincéis. A sala de aula pode ser decorada nas ocasiões comemorativas com matérias recicláveis inclusive papéis coloridos que foram utilizados pelas crianças para desenhos e pinturas que elas não queiram.

A criança explora o mundo vendo casas, prédios, morros, florestas, árvores com flores e frutos, pássaros, animais, nuvens, céu, plantações, rios e riachos, jardins, ruas, bueiros, lixos, fumaça de fábricas, mangues, supermercados e carros. E dessa forma, brincando sozinha ou com seus amigos, vai compreendendo o mundo em que vive, cuidando em preservar a natureza, sem desperdícios dos recursos naturais. (KISHIMOTO p. 13 2010)

As crianças educadas para a sustentabilidade farão reproduzir em sua família e em sua comunidade o aprendizado. Fará muitos reconhecerem que o desmatamento é uma arma que destroem os próprios seres humanos, destrói a saúde, o equilíbrio e a biodiversidade, levando a sua comunidade a entender que as atitudes conscientes devem iniciar pela poria sociedade que não devem apenas esperar ações governamentais.

Trabalhar esses diversos temas por meio de brincadeiras e momentos lúdicos,

Trata-se de preparar para o triunfo do espírito sobre a matéria, de respeitar e desenvolver a sua personalidade de formar o seu caráter, de abrir para centros de interesse intelectuais, artísticos e sociais através do trabalho manual e da organização de uma disciplina pessoal

livremente aceite e, finalmente de encorajar o seu espírito de cooperação, em suma, trata-se de preparar o futuro cidadão. (PIAGET, p. 09 1998).

Partindo desse ponto de vista nota-se que a criança recebe conteúdos essenciais de forma ampla e de qualidade pelos momentos lúdicos. A informação é absorvida qualitativamente devido à afinidade natural que possuem pelo brincar. Sendo assim a criança se sente mais livre e com maior desejo de aprender, capaz de produzir, intervir e investigar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil é um direito adquirido para todas as crianças onde deve estar incluso as atividades que propiciem interação, prazer, contribuição e aprendizados. As interações que ocorrem pela ludicidade contribuem para a maior parte dos aprendizados essenciais da criança em sala de aula que vão servir para por em prática durante as vivências sociais. Os brinquedos e as brincadeiras que os professores ofertam são ferramentas fundamentais para conduzir toda atividade que propõe a ludicidade.

Entendendo que a ludicidade é uma metodologia que produz conhecimento, não se pode olhar mais para essa ferramenta como supérflua que produz apenas lazer a criança, deve ser vista como uma atividade essencial ao currículo escolar. Para conseguir bons resultados com as atividades lúdicas, a educadora ou o educador e seus alunos precisam de espaços adequados onde possa desenvolver os trabalhos. As salas de aulas precisam ser espaçosas e bem ventiladas. Os espaços dos recreios devem possuir brinquedos que condizem com a idade das crianças. Outro fator importante para o êxito das brincadeiras é introdução em sala de aula de brinquedos de qualidade e que tenham a finalidade devida da atividade planejada pelo professor.

O professor conduzirá as brincadeiras em sala de aula auxiliando as crianças nas brincadeiras que possam ser livres ou selecionadas. Cabe ao professor também ofertar a criança uma relação que favoreça confiança, e assim permitirá melhor desempenho das atividades em sala, juntamente com os colegas. A qualidade da educação de diversas crianças inclui ao professor se relacionar bem com ela, conhecer a história, se permitir adentrar a realidade da criança propiciando-lhe a melhor ferramenta para o aprofundamento do aprendizado.

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional na seção II art. 29 diz: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. O ato de instruir não se dirige apenas aos professores, a família, a sociedade e o Estado em si, também carregam a responsabilidade sobre suas crianças na tarefa de educa-las. Mais como aplicamos esse processo educacional sobre elas? É fundamental tomar conhecimento do que defende a nova pedagogia, essa que censura a pedagogia clássica como defende PIAGET. A nova pedagogia centraliza o seu maior fundamento na

criança, priorizando uma educação inclusiva que respeite a personalidade de cada uma delas em suas peculiaridades. Desta forma socializa o respeito, a inclusão e o jeito independente de aprender. "Procura-se, agora, dar à criança uma educação adequada que respeite a sua personalidade; os programas e os professores passam para o segundo plano." (PIAGET,1988, p. 09).

A educação ganha uma nova face, um novo caráter que abastece a realidade social, visando sempre a maior coletividade e a qualidade da excelência do aprendizado de cada criança. O grande desafio está na adequação das escolas para dar melhor assistência lúdica às crianças. Visto que, professores devem está atento às transformações sociais. Não se pode olhar para uma criança do século XXI e deduzir que goste dos mesmos brinquedos e brincadeiras de uma criança de século XX. A criança precisa ser entendida por isso a importância de ser ouvida. O conhecimento é uma troca que deve acontecer entre professores e alunos visando sempre à qualidade e sua excelência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. O fim dos vestibulares. 13° ed. Campinas SP, 2013.
- AMARAL, João J.F., **Como fazer uma pesquisa Bibliográfica**, 2007. Acesso em: cienciassaude.medicina.ufg.br
- BRASIL, **Lei das Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB)**. 6° ed. Atualizada em 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Básica. **Diretrizes Curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB 2010.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.
- GOMES, Nilma. **Artigo Educação Raça e Gênero nas Relações Imersas na Alteridade**; 1996. Acesso em: file:///C:/Users/Home/Desktop/cadpagu_1996_6.7_5_GOMES.pdf 24/11/2016.
- GRAEFF, Nina; **Os Ritmos da Roda, Tradição, Transformação no samba de roda**. Salvador, EDUFBA 2015.
- HAERTEL, Bianca. **A temática do gênero nas aulas de educação física do ensino médio: pesquisa e intervenção em escolas na cidade de São Carlos**. In: III Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: o lazer em uma pesquisa latino americana, São Carlos, 2007.
- JESUS, Ana Cristina Alves. **Como aplicar jogos e brincadeiras na educação infantil**. Rio de Janeiro, 2010.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil**. ANAIS DO SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em movimento perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchidafile. Acesso em 06/04/2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 14° ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KISHIMOTO, Tizuko; FREYBERGER, Adriana. **Brinquedos e Brincadeiras de Creches: manual de orientação básica- Brasília Ministério da Educação**. Secretária de Educação Básica. MEC/SEB 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis RJ. Vozes 2014.
- NASCIMENTO, Luciano. **Relação de Gênero na Educação Física: A construção dos corpos de meninas e meninos nas “misturas” e nas separações da escola 2010**. Acesso

em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277856811_ARQUIVO_Relacoes degeneroFG9.pdf 25/11/2016.

SOUSA, Robson Pequeno, MOITA, Filomena, CARVALHO, Ana Beatriz.

Tecnologias Digitais na Educação. Campina Grande: EDUEPB, 2011 acesso em

<http://static.scielo.org/scielobooks/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>.

PIAGET, Jean. **Pedagogia.** Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

SILVA, Claudilene. **Professoras Negras:** identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013 (Coleção Etnicorracial).

SILVA, Hédio; **Discriminação racial nas escolas:** entre a lei e as práticas sociais.

Brasília: UNESCO, 2002.

WALLON, H. **A evolução psicológica da Criança,** São Paulo: Martins Fontes 2007

(coleção psicológica e pedagógica).